

# senhor da guerra

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Senhor da Guerra* é dedicado a  
Alexander Dreymon

## TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares da Inglaterra anglo-saxónica é incerta, não existindo consistência ou sequer um acordo acerca dos próprios nomes. Como tal, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Certamente alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados abaixo, mas, por norma, recorro à grafia apresentada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos ou referentes ao reinado de Alfredo (871-899 d.C.), se bem que esta solução possa não ser ainda a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente denominada de Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente no uso de Inglaterra em vez de Engaland e preferi ainda a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do condado atual. Assim sendo, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Bebbanburg	Bamburgh, Nortúmbria
Brynstæp	Brimstage, Cheshire
Burgham	Eamont Bridge, Cúmbria
Cair Ligualid	Carlisle, Cúmbria
Ceaster	Chester, Cheshire
Dacore	Dacre, Cúmbria
Dingemere	Wallasey Pool, Cheshire
Dun Eidyn	Edimburgo, Escócia
Dunholm	Durham, Durham
Eamotum	Rio Eamont, Cúmbria
Eoferwic	Nome saxão para York, no Yorkshire
Farnea, ilhas	Ilhas Farne, Nortúmbria
Foirthe	Rio Forth, Escócia
Heahburh	Whitley Castle, Alston, Cúmbria (nome ficcional)
Hedene	Rio Eden, Cúmbria
Hlymrekr	Limerick, Irlanda

Jorvik	Nome dinamarquês/nórdico para York, no Yorkshire
Lauther	Rio Lowther
Legeceasterscir	Condado de Cheshire
Lindcolne	Lincoln, Lincolnshire
Lindisfarena	Lindisfarne (a Ilha Sagrada), Nortúmbria
Lundene	Londres
Mærse	Rio Mersey
Mameceaster	Manchester
Mön	Ilha de Man
Orkneyjar	Órcades (arquipélago)
Rammsburi	Ramsbury, Wiltshire
Ribbel	Rio Ribble, Lancashire
Scipton	Skipton, Yorkshire
Snæland	Islândia
Snotengaham	Nottingham, Nottinghamshire
Sumorsæte	Somerset
Strath Clota	Strathclyde, Escócia
Sudreyjar	Hébridias (arquipélago), Escócia
Temes	Rio Tamisa
Tesa	Rio Tees
Tinan	Rio Tyne
Tuede	Rio Tweed, Escócia
Wiltunscir	Wiltshire
Wir	Rio Wyre, Lancashire
Wirhealum	Península de Wirral, Cheshire



PRIMEIRA PARTE  
O JURAMENTO QUEBRADO



## 1

**N**o verão, a cota de malha metálica é quente, mesmo quando coberta por um tecido leve em linho. O metal é pesado e aquece, implacável. Por debaixo da cota de malha usa-se um forro de couro, que também é quente, e, naquela manhã, o sol estava uma fornalha. O meu cavalo estava irritável por se ver atormentado pelas moscas. Mal corria uma brisa entre as colinas que se aninhavam sob o sol ardente do meio-dia. Aldwyn, o meu criado, carregava a minha lança e o meu escudo com rebordo em aço que exibia a cabeça do lobo de Bebbanburg sobre as tábuas de salgueiro. A Bafo de Serpente, a minha espada, pendia à minha esquerda sobre a coxa, o punho a escaldar. O meu elmo de crista em prata moldada com a figura do lobo jazia sobre o pomo da minha sela. O elmo protegeria a minha cabeça inteira e era forrado a couro, tal como as placas faciais que enlaçavam sobre a minha boca, pelo que o inimigo apenas veria os meus olhos emoldurados pelo aço bélico. Não veria sequer o suor ou as cicatrizes de uma vida em batalha.

Veriam a cabeça do lobo, a corrente de ouro em redor do meu pescoço e as argolas grossas, ganhas em combate, a envolverem os meus braços. Reconhecer-me-iam, e o mais valente entre eles, ou o mais estúpido, queria matar-me para ganhar mais reputação. Assim sendo, trazia comigo oitenta e três homens. Éramos os guerreiros de Bebbanburg, a matilha de lobos selvagens do Norte. E um sacerdote.

O sacerdote, montado num dos meus garanhões, não usava cota de malha, nem trazia espada. Tinha metade da minha idade, porém já o grisalho lhe aflorava as têmporas. O rosto dele era longo, barbeado, os olhos sagazes. Envergava uma longa túnica preta e do pescoço pendia-lhe uma cruz dourada.

— Não tem calor com essa vestimenta? — rugi-lhe.

— Pouco confortável — respondeu-me. Falava em dinamarquês, a sua língua-mãe, a mesma da minha infância.

— Por que razão — perguntei-lhe — estou sempre a lutar pelo lado errado?

A pergunta fê-lo sorrir.

— Nem você escapa ao destino, lorde Uhtred. Tem de fazer o trabalho de Deus, quer queira ou não.

Retorqui algo de mordaz e fiquei a olhar para o vale vasto e sem arvoredo, onde o sol se refletia nas formações rochosas pálidas e estremecia, prateado, sobre um regato ondulante. Nas colinas altas a leste pastavam ovelhas. O pastor havia-nos visto e tentava mover o seu rebanho para sul, para longe de nós, porém os seus dois cães deviam estar com calor, cansados e sedentos, causando mais o pânico entre as ovelhas do que propriamente orientando-as. O pastor não tinha nada a temer de nós, mas avistara cavaleiros do outro lado das colinas, a luz do sol a refletir-se no metal das armas, e ficara receoso. No fundo do vale, a estrada romana, agora pouco mais do que um caminho de terra batida, orlada de pedras, algumas meio enterradas, estendia-se como uma lança ao lado da pequena corrente de água, curvando-se para ocidente mesmo no sopé da colina onde nós aguardávamos. Por cima da curva da estrada, um falcão fazia o seu voo em círculos, as asas quietas inclinadas no ar que oscilava, quente. O horizonte longínquo cintilava, brilhante.

E, daquele brilho cintilante, surgiu uma das minhas sentinelas num galope ávido, o que apenas podia significar uma coisa: que o inimigo estava a chegar.

Levei os meus homens, e também o sacerdote, a recuar um pouco, a fim de nos encontrarmos atrás da linha do horizonte. Puxei a Bafo de Serpente um palmo da bainha e aí a deixei. Aldwyn ergueu o meu escudo para mim, mas eu abanei a cabeça em sinal negativo.

— Espera até conseguirmos vê-los — disse-lhe. Dei-lhe a segurar o meu elmo, desmontei e caminhei com Finan e o meu filho para o cume da colina, onde nos deitámos de barriga para baixo a perscrutar o lado sul. — Tenho o pressentimento de que algo está errado — disse-lhes.

— É o destino, — respondeu Finan, — e o destino é um malvado. — Ficámos deitados entre as ervas altas a observar o pó a ser levantado da estrada pelo garanhão veloz da nossa sentinela, que se aproximava. — Ele devia cavalgar pela berma, — disse Finan, — aí não levanta tanto pó.

Reconheci a sentinela como sendo Oswi, e agora ele desviava-se da estrada e subia a encosta até junto do cume, onde nos encontrávamos.

— Tens a certeza acerca do dragão? — perguntei.

— Não se pode deixar de reconhecer um monstro daquele tamanho — disse Finan. — A criatura veio do Norte. Disso tenho a certeza.



— E a estrela caiu de norte para sul — acrescentou o meu filho, levando a mão até debaixo da cota de malha para tocar a cruz sobre o peito. O meu filho é cristão.

A poeira levantada no vale estava a pousar. O inimigo estava a chegar, se bem que não tivesse a certeza de quem ele seria. Sabia apenas que aquele era o dia em que teria de lutar contra o rei vindo do Sul. E algo parecia muito errado com tudo isso, porque a estrela e o dragão tinham indicado que o mal viria do Norte.

Procuramos por sinais. Até os cristãos buscam no mundo por sinais. Observamos o voo das aves, receamos a queda de um ramo, olhamos os padrões que o vento produz nas águas, retemos a respiração perante o piar de um mocho e levamos a mão ao amuleto sempre que salta uma corda da harpa, porém os presságios são difíceis de interpretar, a não ser que os deuses decidissem enviar uma mensagem clara. E, há três noites, os deuses tinham enviado uma mensagem que não podia ter sido mais inteligível.

A de que o inimigo viria do Norte.

O DRAGÃO HAVIA VOADO NO CÉU NOTURNO SOBRE BEBBANBURG. NÃO O vi, mas viu-o Finan e eu confio nele. Dissera-me que o animal era vasto, com a pele semelhante a prata martelada, olhos como carvão em brasa e asas de tamanho suficiente para tapar as estrelas. Cada bater daquelas asas monstruosas fizera estremecer as águas do mar bem mais abaixo, como um sopro de vento num dia calmo. O monstro voltara a cabeça para Bebbanburg e Finan pensou que fosse cuspir fogo sobre a fortaleza inteira, mas depois as asas grandes adejaram mais uma vez, em baixo o mar estremeceu de novo e o dragão prosseguiu o voo para sul.

— E na noite passada caiu uma estrela do céu — falou o padre Cuthbert. — Foi a Mehrasa que a viu. — O padre Cuthbert, o padre de Bebbanburg, era cego e casara-se com Mehrasa, uma rapariga exótica de pele escura que salváramos há muitos anos das mãos de um mercador de escravos, em Lundene. Dizia que ela era «uma rapariga» por hábito, porque agora, evidentemente, já era uma mulher de meia-idade. Como envelhecemos, pensei.

— E o dragão veio do Norte — acrescentou Finan.

Fiquei em silêncio. Benedetta encostou-se ao meu ombro. Ela também não falou, mas a mão dela fechou-se sobre a minha.

— São sinais e milagres, — disse o padre Cuthbert, — algo terrível está para acontecer. — Benzeu-se.

Estávamos numa noite de início de verão. Sentáramo-nos no exterior do salão de Bebbanburg, onde as andorinhas circundavam os beirais e as longas vagas se enrolavam incessantemente depois de baterem contra a praia sob a parte leste da muralha de Bebbanburg. As ondas dão-nos o ritmo, pensei, um som infinito que se levanta e torna a descer. Nascera ao som daquela cadência ritmada e em breve morreria. Toquei no amuleto com o símbolo do martelo e rezei para que morresse ao som das ondas de Bebbanburg e do grito das gaivotas.

— Algo de terrível, — repetiu o padre Cuthbert, — que virá do Norte.

Ou talvez o dragão e a estrela-cadente fossem presságios da minha morte? Levei de novo a mão ao amuleto. Ainda consigo montar a cavalo, carregar um escudo junto ao meu corpo e empunhar uma espada, porém, ao fim do dia, as dores nas articulações dizem-me que estou envelhecido.

— A pior coisa acerca da morte — quebrei o meu silêncio — é não saber o que vai acontecer de seguida.

Durante um momento, ninguém falou e Benedetta apertou a minha mão.

— És um tolo — disse-me num tom carinhoso.

— Sempre foi — interveio Finan.

— Talvez possa ver o que acontece a partir do Valhalla — propôs o padre Cuthbert. Como sacerdote cristão que era não era suposto que acreditasse no Valhalla, mas há muito tempo que ele aprendera a ser indulgente comigo. — Ele sorriu. — Ou talvez queira juntar-se à Igreja de Roma? — falou num tom arteiro. — Asseguro-lhe que poderá ver a terra a partir do Céu!

— Em todos os seus esforços para converter-me, — falei-lhe, — nunca me disse que no Céu haveria cerveja.

— Esqueci-me de mencioná-lo? — sorriu o padre Cuthbert.

— Haverá vinho no Céu, — disse Benedetta, — vinho bom da Itália.

Caiu de novo o silêncio. Nenhum de nós gostava muito de vinho.

— Ouvi dizer que o rei Hywel foi até à Itália, — comentou o meu filho após uma pausa, — ou talvez que esteja a pensar em lá ir.

— A Roma? — perguntou Finan.

— Foi o que ouvi dizer.

— Gostava muito de ir a Roma — falou o padre Cuthbert, nostálgico.

— Não há nada para ver em Roma, — disse Benedetta com desdém, — apenas ruínas e ratos.

— E o Santo Padre — falou com gentileza o padre Cuthbert.

De novo caiu o silêncio. Hywel, que eu apreciava, era rei de Dyfed e se ele pensava ser seguro viajar até Roma, então ter-se-ia instalado a paz entre os seus galeses e os saxões da Mércia, portanto, ali não haveria sarilhos. Contudo, o dragão não viera do Sul, tão-pouco do Ocidente, mas do Norte.

— Os escoceses — falei.

— Estão demasiado ocupados na luta contra os homens do Norte — disse Finan bruscamente.

— E a fazerem assaltos à Cúmbria — acrescentou o meu filho em tom amargo.

— E o Constantino está velho — falou o padre Cuthbert.

— Estamos todos velhos — acrescentei.

— E o Constantino preferiria construir mosteiros a fazer guerras — continuou a dizer o padre Cuthbert.

Duvidava que fosse verdade. Constantino era o rei da Escócia. Gostara de o conhecer, era um homem sábio e elegante, contudo eu não confiava nele. Nenhum nortumbriano confia nos escoceses, tal como não há um escocês que confie num nortumbriano.

— Nunca irão acabar — falei num fio de voz.

— O quê? — perguntou Benedetta.

— As guerras. As querelas.

— Quando todos formos cristãos... — começou por dizer o padre Cuthbert.

— Pois! — respondi com brevidade.

— Mas o dragão e a estrela não mentem — continuou a dizer o padre Cuthbert. — O problema virá do Norte. O profeta adverte-nos nas escrituras! «Quia malum ego adduco ab aquilone et contritionem magnam.» — Pausou e ficou à espera que um de nós lhe pedisse para traduzir.

— Do Norte trarei o mal — traduziu Benedetta, desiludindo-o — e grande destruição.

— Grande destruição! — repetiu o padre Cuthbert em tom ominoso.

— O mal virá do Norte! Está escrito!

E na manhã seguinte veio o mal.

Do Sul.

O BARCO SURTIU DE SUL. SOPRAVA UMA BRISA LEVÍSSIMA, PREGUIÇOSO estendia-se o mar, as suas pequenas ondas a colapsarem, exaustas, sobre a

extensão da praia de Bebbanburg. O barco que se aproximava, a proa em cruz, deixava um rasto borbulhante atrás de si que era tocado pelo brilho em tons de ouro do sol da manhã. Aproximava-se movido a remos, que se erguiam e desciam de novo numa cadência lenta.

— Aqueles pobres homens devem ter remado toda a noite — observou Berg. Era ele o comandante da guarda daquela manhã, que se encontrava no seu posto sobre a muralha de Bebbanburg.

— São quarenta remos — contei-os, mais para fazer conversa do que para dizer a Berg o que ele também estava a ver.

— E vêm para aqui.

— Mas de onde vêm?

Berg encolheu os ombros.

— O que há de especial, hoje?

Foi a minha vez de encolher os ombros. Era um dia como qualquer outro. Acender-se-iam os caldeirões para ferver a roupa, o sal seria evaporado nas panelas no norte da fortaleza, os homens praticariam a arte da espada, da lança e do escudo, os cavalos seriam exercitados, o peixe fumado, dos poços retirar-se-ia a água necessária e na cozinha cuidar-se-ia da fermentação da cerveja.

— Não tenho planos especiais para hoje, — disse, — mas podes levar dois homens contigo e ir ter com o Olaf Einerson, para lembrá-lo de que deve pagar-me a renda. E já passou muito tempo desde a última vez que me pagou.

— A esposa dele está doente, senhor.

— Foi a desculpa dele no inverno passado.

— E perdeu metade do seu rebanho devido aos assaltos dos escoceses.

— É mais provável que tenha vendido ovelhas — respondi em tom azedo. — Esta primavera, ninguém mais se tem queixado de assaltos do lado escocês. — Olaf Einerson tinha herdado a propriedade do seu pai, que nunca falhara em entregar peles de velo ou prata como pagamento da renda. O filho dele, Olaf, era um homem grande e capaz, cuja ambição, assim me parecia, ultrapassava a de querer criar ovelhas saudáveis nas colinas altas. — Pensando melhor — falei a Berg, — leva contigo quinze homens e preguem-lhe um susto. Não confio naquele canalha.

O barco aproximara-se agora o suficiente para que eu pudesse distinguir três homens, sentados à frente da plataforma, junto à popa. Um deles era um sacerdote ou pelo menos alguém que envergava uma longa túnica preta, e este pôs-se de pé e ergueu o braço para acenar aos homens na muralha. Não acenei de volta.

— Quem quer que eles sejam, — falei a Berg, — trá-los para o salão. Podem ficar a ver-me beber cerveja. E espera por uma melhor altura para convencer o Olaf a ter juízo.

— Espero, senhor?

— Sim. Vamos primeiro saber das novidades que tenham para nos dar — falei-lhe, apontando com a cabeça para a embarcação que agora se dirigia para a entrada estreita do porto de Bebbanburg. O barco não trazia carregamento algum à vista e os seus remadores pareciam completamente exaustos, o que sugeria que traziam notícias urgentes. — Penso que a embarcação é do Æthelstan — conjecturei.

— Do Æthelstan?

— Não é um barco nortumbriano, pois não? — indaguei. As proas das embarcações nortumbrianas eram mais elegantes, enquanto os barcos do Sul tinham arcos de proa quadrados. Além disso, exibia no topo uma cruz, o que acontecia com muito poucas embarcações da Nortúmbria. — E quem costuma utilizar sacerdotes para entregar mensagens?

— O rei Æthelstan.

Observei a entrada do barco no canal de acesso portuário, depois acompanhei Berg até à descida da muralha.

— Toma conta dos remadores. Manda servir-lhes comida e alguma cerveja, depois traz o maldito sacerdote para o salão — ordenei.

Subi até ao salão, onde dois criados atacavam as teias com dois cabos de salgueiro com penas de aves atadas na extremidade. Benedetta supervisionava-os para certificar-se de que cada uma das aranhas fosse expulsa do forte de Bebbanburg.

— Temos visitas — disse-lhe. — A tua guerra contra as aranhas terá de esperar.

— Não estou em guerra — insistiu. — Eu gosto de aranhas. Mas não em minha casa. Quem são os visitantes?

— Suponho que sejam mensageiros do Æthelstan.

— Então temos de os receber com esmero! — Bateu as palmas e ordenou que se trouxessem bancos. — E tragam o trono do estrado superior — comandou.

— Não é um trono, — falei-lhe, — é apenas uma cadeira bonita.

— *Ouff!* — disse-me, um som que Benedetta fazia quando a exasperava. Tive de sorrir, o que ainda a irritou mais. — É um trono, — insistiu, — e tu és o rei de Bebbanburg.

— O lorde — corrija-a.

— És tão rei quanto aquele parvo do Guthfrith, — fez o gesto de afastar o mal, — ou o Owain ou qualquer outro. — Era uma discussão antiga e não fiz mais caso.

— Pede às raparigas que tragam cerveja — disse-lhe — e alguma comida. De preferência que não esteja dura.

— E tu devias pôr aquele manto escuro. Vou buscá-lo.

Benedetta era de Itália e fora levada da casa dos pais por escravagistas, quando era criança. Depois fora sendo vendida ao longo dos reinos cristãos até chegar ao Wessex. Eu libertei-a e agora era a senhora de Bebbanburg, embora não fosse a minha esposa.

— A minha avó — dissera-me ela em certa ocasião, benzendo-se — sempre me disse para não me casar. Que seria amaldiçoada! Já tive maldições que cheguem na vida. Agora sou feliz! Porque havia de arriscar a maldição de uma avó? A minha avó nunca se enganou!

Contrariado, permiti que ela envolvesse os meus ombros no manto preto, recusando-me a colocar na cabeça o diadema em bronze que pertencera a meu pai e depois, com Benedetta ao meu lado, esperei pelo sacerdote.

E foi um amigo que eu vi entrar da luz para as sombras poeirentas do grande salão de Bebbanburg. Era o padre Oda, agora bispo de Rammesburi, que vinha alto e elegante na minha direção, a túnica negra orlada de tecido vermelho-escuro. Escoltavam-no dois guerreiros saxões ocidentais que entregaram cortesmente as suas armas ao meu criado-mor antes de seguirem o padre Oda para junto de mim.

— Qualquer um pensaria — disse-me o bispo ao aproximar-se — que você é um rei!

— E é — insistiu Benedetta.

— E qualquer um pensaria — retorqui-lhe — que você é um bispo.

Sorriu.

— Com a Graça de Deus, lorde Uhtred, é o que sou.

— Pela graça do Æthelstan — disse-lhe, depois ergui-me e cumprimentei-o com um abraço. — Devo congratulá-lo?

— Se assim o desejar. Penso que sou o primeiro dinamarquês a ser bispo em Englaland.

— É assim que lhe chamam agora?

— É mais fácil assim do que dizer que sou o primeiro bispo dinamarquês do Wessex, da Mércia e da East Anglia. — Fez uma vénia diante de Benedetta. — É bom voltar a vê-la, minha senhora.

— E a si, caro bispo — respondeu ela, devolvendo-lhe a cortesia.

— Ah! Quer dizer que os rumores não passam disso mesmo! Afinal, a cortesia habita em Bebbanburg!

Sorriu-me de orelha a orelha, agradado do próprio gracejo e eu sorri-lhe de volta. Oda, bispo de Rammesburi! O único aspeto surpreendente prendia-se com o facto de ser dinamarquês, filho de um dos imigrantes pagãos que haviam invadido a East Anglia ao serviço de Ubba, o qual foi morto por mim. E agora, o filho dinamarquês de pais pagãos era um bispo da Engalândia saxã. E era merecedor. Oda era um homem subtil e inteligente que, tanto quanto eu sabia, era tão honesto quanto o dia é longo.

Houve uma pausa porque Finan vira Oda chegar e entrava agora no salão para cumprimentá-lo. Oda estivera connosco quando defendêramos o portão Crepelgate em Lundene, numa batalha que entregara a Æthelstan o trono. Posso até não ser cristão ou amante da cristandade, porém é difícil não gostar de um homem que travou uma luta desesperante ao nosso lado.

— Ah, vinho, — cumprimentou Oda uma das criadas, depois voltou-se para Benedetta, — sem dúvida abençoado pelo sol da Itália...

— É mais provável que alguns lavradores da França lhe tenham urinado em cima — disse eu.

— Os encantos dele não param de crescer, pois não, minha senhora? — falou Oda e sentou-se. Então olhou para mim e levou a mão à cruz pesada em ouro que lhe pendia do pescoço sobre o peito. — Trago-lhe notícias, lorde Uhtred. — O tom dele tornara-se repentinamente entristecido.

— Já calculava.

— Notícias que não serão do seu agrado. — Oda não desviava os olhos de mim.

— Não serão do meu agrado — ecoei e fiquei à espera.

— O rei Æthelstan — disse na sua voz calma — encontra-se na Nortúmbria. Entrou há três dias em Eoferwic. — Pausou como quem esperasse um protesto meu, mas não falei. — E o rei Guthfrith — continuou a dizer Oda, — compreendeu mal a nossa chegada e fugiu.

— Compreendeu mal — falei.

— É verdade.

— E fugiu de si e do Æthelstan? Só de vós dois?

— Claro que não — disse Oda, a voz ainda calma. — Éramos escoltados por mais de dois mil homens.

Já tinha lutado o suficiente. Queria ficar em Bebbanburg, queria ouvir as longas vagas quebrarem junto à nossa praia e o vento a suspirar ao redor

do frontão do salão. Sabia que me restavam poucos anos de vida, mas os deuses haviam sido gentis comigo. O meu filho iria herdar vastas áreas de terra, eu ainda conseguia cavalgar e caçar e tinha comigo Benedetta. Na verdade, ela tinha o temperamento de uma doninha em chapa quente, mas era amorosa e leal, tinha um brilho que iluminava os céus cinzentos de Bebbanburg e eu amava-a.

— Dois mil homens — limitei-me a repetir. — E precisa de mim na mesma?

— Sim, ele requer a sua ajuda, senhor.

— Não consegue levar a cabo a invasão sozinho? — Começava a irritar-me deveras.

— Não se trata de uma invasão, senhor — expôs calmamente Oda. — Trata-se apenas de uma visita da realeza. Uma cortesia entre reis.

Podia chamar-lhe o que quisesse que aquilo era, ainda assim, uma invasão.

E eu estava deveras irritado.

ESTAVA FURIOSO PORQUE ÆTHELSTAN HAVIA EM TEMPOS FEITO O juramento de jamais invadir a Nortúmbria enquanto eu fosse vivo. Contudo, encontrava-se naquele momento em Eoferwic com um exército inteiro e eu estava escondido com oitenta e três homens no cume de uma colina, a fim de lhe fazermos a vontade. Quisera recusar-me diante de Oda, quisera dizer-lhe que saísse dali no seu maldito barco e regressasse a Eoferwic e assim cuspir no rosto de Æthelstan. Sentia-me traído. Dera o trono a Æthelstan, porém ele escolhera ignorar-me desde aquele dia da batalha junto ao Crepelgate, algo que nem sequer me importara. Sou nortumbriano e vivo longe das terras de Æthelstan e apenas desejava que me deixassem em paz. Contudo, no mais profundo de mim sabia que a paz era impossível de alcançar. Quando nasci, a Bretanha saxã encontrava-se dividida em quatro países: o Wessex, a Mércia, a East Anglia e a minha Nortúmbria. O rei Alfredo, o avô de Æthelstan, sonhara uni-los num só país, a denominada Englalund, um sonho que estava prestes a tornar-se realidade. O rei Æthelstan governava o Wessex, a Mércia e a East Anglia. Só restava a Nortúmbria, mas Æthelstan havia-me jurado que não tomaria esse pedaço de terra enquanto eu fosse vivo, contudo encontrava-se agora com um exército no meu país e ainda pedia a minha ajuda. Mais uma vez. E, no fundo de mim, sabia que a Nortúmbria estava condenada, que ou



Æthelstan ou Constantino tomariam o meu país e adicioná-lo-iam ao seu, e a minha lealdade era pertença daqueles que falavam a minha língua, a saxã, a que chamamos Ænglisc, e, como tal, acabei por levar comigo oitenta e três guerreiros de Bebbanburg a fim de fazermos a emboscada ao rei Guthfrith da Nortúmbria na sua fuga à invasão de Æthelstan. O sol brilhava alto e forte e o vento estava sereno.

Oswi, montado no seu cavalo empalidecido de suor, trazia-nos notícias de Guthfrith que ora se aproximava.

— Falta pouco, senhor — disse-me.

— Quantos são?

— Cento e catorze, — informou, — mais alguns prisioneiros.

— Prisioneiros? — perguntou incisivamente Oda, que insistira em acompanhar-nos. — Esperávamos apenas um cativo.

— Têm mulheres com eles, senhor. — Oswi continuava a falar para mim. — Estão a conduzi-los como a ovelhas.

— As mulheres vêm a pé? — indaguei.

— E alguns dos homens também, senhor. E muitos cavalos coxeiam. Devem ter galopado com muita pressa! — Tomou um cantil em couro das mãos de Roric, encheu a boca de cerveja e cuspiu-a para a erva. Depois tomou outro gole. — Têm aspeto de quem viajou a noite inteira.

— E talvez o tenham feito, — disse-lhe, — para chegarem até aqui tão rapidamente.

— Eles agora estão exaustos — falou Oswi com contentamento.

O bispo Oda trouxera-me as suas novidades de Eoferwic e o barco dele havia feito a viagem em dois dias, apesar do vento adverso. Os homens na estrada longa, porém, tinham empreendido a jornada a cavalo, a fim de escaparem da cidade. Calculei uma semana de cavalgada para viajar de Bebbanburg até Eoferwic, mesmo admitindo que seria em passo lento e permitindo algumas noites passadas em estalagens simpáticas. Já fizera uma vez o percurso a cavalo em quatro dias, mas nunca na força do calor do início de verão. Os fugitivos de Eoferwic haviam sido céleres, porém os remadores do barco do bispo Oda tinham-nos ultrapassado e os cavalos exaustos conduziam agora os seus cavaleiros para a emboscada que lhes preparáramos.

— Não se trata de uma emboscada — insistia Oda quando eu recorria ao termo. — Estamos aqui meramente para persuadir o rei Guthfrith a voltar para Eoferwic. E o rei Æthelstan conta também com a sua presença na cidade.

— Com a minha presença? — perguntei, sem esconder a surpresa.

— É verdade. E também requer que cuide de libertar o prisioneiro do Guthfrith.

— Os prisioneiros — corrija-o.

— Sim — admitiu Oda com condescendência. — Mas o Guthfrith deve regressar a Eoferwic. Ele precisa de saber que o rei Æthelstan foi até lá como amigo.

— Com mais de dois mil homens? Todos eles em cota de malha e armados?

— O rei Æthelstan tem um estilo muito próprio de viajar — disse Oda com assertividade.

Æthelstan até podia chamar amistosa à sua visita a Eoferwic, porém houvera lutas na cidade porque, na verdade, tratara-se de uma conquista, uma invasão relâmpago e, embora relutante em dar-lhe crédito, não podia deixar de admirar o que havia conseguido. O bispo Oda contara-me como Æthelstan conseguira conduzir um exército daquele tamanho além da fronteira da Mércia, depois em direção a norte a um passo implacável, deixando para trás qualquer homem ou cavalo que vacilasse ou perdesse as forças. Cavalgaram, ferozes, a estrada, chegando a Eoferwic numa altura em que uma possível presença deles ainda não passava de um boato. O portão sul da cidade tinha sido aberto por um grupo de saxões infiltrados para o efeito, que se fizeram passar por mercadores. O exército de Æthelstan tinha, pois, inundado as ruas da cidade.

— Houve alguma luta junto da ponte, — contara-me Oda, — mas graças a Deus os pagãos foram vencidos e os sobreviventes fugiram.

Os sobreviventes estavam a ser conduzidos por Guthfrith e então Æthelstan enviara o bispo Oda com a demanda de que eu barrasse os acessos a norte, não permitindo que Guthfrith se escapulisse para a Escócia. E era por isso que esperávamos, escondidos no cume da colina, sob um sol abrasador. Finan, o meu filho e eu estávamos deitados de bruços no topo da encosta a olhar incessantemente na direção do Sul, enquanto o bispo Oda se encontrava acorado atrás de nós.

— E por que motivo é que o Guthfrith não pode fugir para a Escócia?

O bispo suspirou perante a minha estupidez.

— Para não dar razões ao Constantino para uma invasão da Nortúmbria? Vai simplesmente alegar que pretende restituir o trono ao legítimo rei.

— O Constantino é cristão — retorqui. — Porque haveria ele de lutar por pagãos e o rei deles?

O bispo tornou a suspirar, os olhos postos na distância, onde a estrada se desvanecia no calor.

— O rei Constantino seria capaz de sacrificar as próprias filhas a Baal, desde que isso aumentasse o seu domínio.

— Quem é o Baal? — perguntou Finan.

— Um deus pagão — disse Oda em tom de desdém. — E quanto tempo iria o Constantino tolerar o Guthfrith? Depois de o colocar de volta no trono, casá-lo-ia com uma das suas filhas para de seguida mandar alguém estrangulá-lo discretamente. E a Nortúmbria seria dos escoceses. Nem é bom pensar nisso! O Guthfrith não pode alcançar a Escócia.

— Ali — disse Finan, e, na distância, vimos surgir um grupo de cavaleiros na estrada. Mal os distinguiu, um borrão de cavalos e homens na oscilação do ar quente de verão. — Vê-se bem que estão cansados — falou Finan.

— Nós queremos o Guthfrith vivo — advertiu de novo Oda — e de volta em Eoferwic.

— Já me disse isso, — resmunguei, — mas continuo a não saber porquê.

— Porque é assim que o rei Æthelstan o ordena, nada mais.

— O Guthfrith é um pedaço de caca — respondi. — Seria melhor matá-lo.

— O rei Æthelstan exige que o mantenham vivo — disse o bispo. — Façam isso, por favor.

— E eu devo simplesmente obedecer às ordens dele? Não é o meu rei. Oda lançou-me um olhar severo.

— Ele é *Monarchus Totius Britanniae*.

— É isso que ele agora chama a si mesmo? — perguntei.

— É — disse Oda.

Resfoleguei perante aquilo. Æthelstan tinha vindo a intitular-se Rei dos Saxões e dos Anglos desde que fora coroado e era de certa forma uma reivindicação legítima. Agora Rei de Todos os Bretões?

— Imagino o rei Constantino e o rei Hywel a discordarem — sugeri em tom azedo.

— Tenho a certeza de que sim, — disse Oda calmamente, — ainda assim o rei Æthelstan deseja que impeça o Guthfrith de chegar à Escócia e que liberte o prisioneiro dele são e salvo.

— Os prisioneiros.

— O prisioneiro.

— Não se importa com as mulheres? — perguntei-lhe.

— É claro que rezo por elas. Mas rezo mais pela paz.

— Pela paz? — questionei, furioso. — Invadir a Nortúmbria traz a paz?

Oda pareceu magoado.

— A Bretanha está inquieta, senhor. Os homens do Norte ameaçam-na, os escoceses estão irrequietos e o rei Æthelstan receia que se engendre uma guerra. E teme que esta seja pior do que alguma vez poderíamos imaginar. Ele deseja muito prevenir uma chacina maior e, com essa intenção, senhor, ele implora que resgate o cativo e leve o Guthfrith a salvo de novo para Eoferwic.

Eu não compreendia o que teria o regresso de Guthfrith à cidade a ver com a paz, mas lembrei-me do dragão a sobrevoar as muralhas de Bebbanburg e da sua mensagem sombria de guerra. Olhei para Finan, que encolheu os ombros como se dissesse também não compreender e que era melhor fazermos a vontade a Æthelstan. No vale abaixo de nós via aproximarem-se os homens com maior nitidez e o andar das mulheres cativas na retaguarda da longa coluna de cavalos.

— Então, o que fazemos? — inquiriu Finan.

— Descemos a cavalo até lá, — disse-lhe, tentando a melhor maneira de me afastar do cume da colina, — sorrimos educadamente e dizemos àquele canalha tolo que passou a ser nosso prisioneiro.

— Hóspede — corrigiu o bispo.

Roric ajudou-me a subir para a minha sela e Aldwyn entregou-me o elmo com a crista prateada e a figura do lobo. Senti o forro em couro desconfortável e quente. Atei-o sob o queixo, mas deixei as soltas as placas faciais, depois tomei o meu escudo com o símbolo da cabeça do lobo das mãos de Aldwyn.

— A lança não é necessária, agora, — disse-lhe, — e, se houver luta, mantém-te longe.

— Ele costumava dizer-me o mesmo — comentou Roric com um sorriso amplo.

— E é por isso que ainda estás vivo — rugi. — Antes de Aldwyn fora Roric o meu criado, mas entretanto alcançara idade suficiente para estar numa barreira de escudos.

— Não haverá qualquer luta — afirmou o bispo em tom sério.

— Só que o Guthfrith é um tolo — falei-lhe — que luta antes de pensar, mas farei o meu melhor para manter vivo aquele desmiolado. Vamos!

Conduzi os meus homens em direção a ocidente, continuando fora do campo de visão de Guthfrith. A última vez que o avistara, ele encontrava-se

a cerca de um quilómetro da curva da estrada, a avançar penosamente devagar. Nós avançávamos com celeridade, frescas as forças dos nossos cavalos, cansados os dele. Virámos no sopé da colina e trotámos por entre os pinheiros, atravessámos a corrente do riacho, fazendo esguichar audivelmente a água e chegámos à estrada. Quando chegassem àquele troço, ver-nos-iam alinhados em duas fileiras nas nossas cotas de malha e exibindo escudos esplêndidos, tal como as pontas das lanças reluzentes. Ali aguardámos.

Não gostava de Guthfrith e ele não gostava de mim. Passara três anos a tentar que eu lhe prestasse juramento de lealdade e durante três anos eu recusara-me. Enviara em duas ocasiões guerreiros seus a Bebbanburg e de ambas as vezes mantivéramos o Portão da Caveira fechado, desafiando os enviados de Guthfrith a atacarem a fortaleza e, por duas vezes, eles acabaram por ir embora.

Agora, sob aquele sol quente, eles encontravam-se de novo nas minhas terras, mas desta vez eram conduzidos pelo próprio Guthfrith e este certamente que sentia amargura. Pensaria que lhe estariam a roubar o reino e, no instante seguinte, depararia com os meus homens, veria o emblema da cabeça do lobo nos seus escudos e ele não só não gostava de mim, como calcularia rapidamente que tinha mais homens do que eu. O bispo Oda podia até alimentar a piedosa esperança de que não se desencadeasse ali luta alguma, porém Guthfrith, emboscado, reagiria como um gato dentro de um saco: enlouquecido e maldoso.

E Guthfrith tinha com ele reféns.

E não eram apenas as mulheres, se bem que tivéssemos igualmente de as salvar. Porém, o astuto Guthfrith tinha conseguido arrebatado o arcebispo Hrothweard da sua catedral em Eoferwic.

— Durante a celebração da Missa! — contara-me Oda, horrorizado. — Durante a celebração da Missa! Com homens armados no interior da catedral!

Pensei comigo se Guthfrith teria realmente a coragem de fazer algum mal ao arcebispo. Caso fizesse, tornar-se-ia o inimigo número um de todos os governantes cristãos na Bretanha, embora Constantino talvez engolisse a raiva o suficiente para o colocar de novo no trono da Nortúmbria. Um arcebispo morto seria um preço ínfimo a pagar por uma Escócia maior.

E então eles surgiram. Eram os primeiros cavaleiros a voltarem-se para nós na curva da estrada. Viram-nos e pararam e, gradualmente, os demais guerreiros que os seguiam juntavam-se a eles.

— Vamos ter com eles — disse Oda.  
— Não vamos.  
— Mas...  
— Quer que aconteça aqui uma chacina? — rosnei-lhe.  
— Mas... — tentou o bispo de novo.  
— Eu vou — disse-lhe, num impulso.  
— Você...  
— Eu vou sozinho. — Entreguei o meu escudo a Aldwyn e desci da sela.

— Eu devo ir consigo — avançou Oda.  
— E entregamos-lhes mais um sacerdote como refém? Um bispo, além do arcebispo? Ele vai gostar disso.

O bispo Oda olhou para os homens de Guthfrith que se dispunham lentamente em fileiras que ultrapassavam as nossas. Pelo menos uma vintena deles vinha a pé, os cavalos demasiado cansados para serem montados. Todos eles colocavam os seus elmos e punham diante de si os escudos com o símbolo da casa de Guthfrith que era a imagem de um javali de presas longas.

— Convide-o a vir falar comigo — disse-me Oda — e diga-lhe que estará em segurança.

Ignorei o que me pedia voltando-me ao invés para Finan.

— Vou tentar encontrar-me com o Guthfrith a meio do caminho — falei-lhe. — Se trouxer homens com ele, envia-me o mesmo número dos nossos.

— Vou consigo — disse-me, sorrindo amplamente.

— Não. Fica aqui. Se houver problemas, saberás como atuar, e então fá-lo depressa.

Acenou com a cabeça, compreendendo o que lhe dizia. Finan e eu havíamos lutado juntos ao longo de tantos anos que raramente necessitava de lhe explicar os meus planos. Sorriu de orelha a orelha.

— Serei veloz como o vento.

— Lorde Uhtred... — começou Oda.

— Farei o meu melhor para manter o Guthfrith com vida, — interrompi-o, — e os reféns.

Não tinha muita certeza de o conseguir, mas não duvidava de que praticamente convidaríamos aqueles guerreiros de Guthfrith para uma luta, ou então veríamos as suas lâminas apontadas às gargantas dos reféns, caso nos aproximássemos todos à distância de nos ouvirmos mutuamente

aos berros. Guthfrith era um tolo, um tolo que para mais era orgulhoso, e eu sabia que iria recusar a entrega dos seus prisioneiros, tal como regressar simplesmente para Eoferwic. Teria de recusar, porque a concordância significaria perder a face diante dos seus guerreiros.

E os guerreiros dele eram homens do Norte, orgulhosos nortenhos que acreditavam ser os combatentes mais temidos no mundo inteiro. Estavam em superioridade numérica em relação a nós e viam ali uma oportunidade para a matança e o saque. Muitos deles eram bastante jovens e queriam ganhar reputação, queriam ver os seus braços repletos de braceletes de vitória em ouro e prata. Desejavam que os seus nomes fossem um dia proferidos com terror nos lábios das pessoas. Queriam matar-me e assim conquistarem as argolas ao redor dos meus braços, as minhas armas, as minhas terras.

Portanto, caminhei sozinho na direção deles, parando a meio do caminho entre os meus homens e os guerreiros cansados de Guthfrith, que ficaram então à distância de um arremesso de flecha de mim. Ali fiquei à espera e, uma vez que Guthfrith não se mexia, sentei-me numa pedra miliária romana, tirei o meu elmo da cabeça e observei as ovelhas no topo distante de uma colina, depois elevei os olhos para admirar um falcão a balancear-se de asas abertas na levíssima brisa. A ave circulava, o que significava que não havia mensagem alguma dos deuses.

Viera sozinho porque queria falar com Guthfrith a sós, ou com mais dois ou três companheiros dele, no máximo. Tinha a certeza de que ele estaria pronto para lutar, embora os seus guerreiros mostrassem cansaço e os cavalos deles estivessem exaustos, e até mesmo um tolo como Guthfrith certamente que exploraria as hipóteses de evitar uma luta, se pudesse ganhar aquela confrontação sem sacrificar uma dúzia ou mais dos seus combatentes. Além disso, ele tinha consigo reféns e era provável que considerasse usá-los para me obrigar a uma retirada humilhante.

Contudo, Guthfrith não se mexia. Deveria estar intrigado. Via que eu avançara sozinho e aparentemente destemido, e um homem não se torna rei sem alguma sagacidade, pelo que estaria a calcular onde se encontraria a armadilha. Decidi fazê-lo acreditar numa ausência de engodo e, assim sendo, ergui-me, pontapeei algumas das pedras meio ocultas da berma da estrada antiga, encolhi os ombros e comecei a afastar-me de novo.

O que o fez avançar abruptamente. Ouvi o bater dos cascos atrás de mim, voltei-me, tornei a colocar o elmo na cabeça e aguardei mais uma vez.

Trouxe com ele três homens. Dois deles eram guerreiros, puxando um deles um cavalo pelos freios, sobre o qual se encontrava o arcebispo Hrothweard, ainda envergando as túnicas de bainhas bordadas que os sacerdotes cristãos costumam usar nas suas igrejas. Não parecia ferido, mas sim exausto, o rosto dele queimado pelo sol, o cabelo branco desgrenhado.

Ouvi também o som de cascos atrás de mim e virei-me para ver que Finan enviara Berg e o meu filho para junto de mim.

— Fiquem atrás de mim! — gritei para eles. Viram que Guthfrith e os seus dois guerreiros haviam puxado as espadas e resolveram fazer deslizar igualmente as suas lâminas longas das bainhas. Berg estava atrás de mim, à minha direita, defronte do homem que segurava o cavalo de Hrothweard, o meu filho encontrava-se atrás de mim à esquerda, opondo-se ao segundo guerreiro.

— O que... — começou a querer dizer o meu filho.

— Não digas nada! — falei.

Guthfrith fez parar o seu garanhão apenas a dois passos de mim. O rosto balofo, emoldurado pelo aço do elmo, brilhava com o suor. O irmão dele, o Sigtryggr zarolho, fora um homem bem-parecido, porém Guthfrith bebera demasiada cerveja e comera demasiada comida farta, que permanecia agora pesado sobre a sela do cavalo. Os olhos dele eram pequenos e suspeitosos, o nariz achatado e a barba longa e entrançada pendia-lhe sobre o peito e a malha intrincada. O garanhão dele estava aperaltado de prata e o elmo que usava exibia penas longas de corvo sobre a coroa, e ele segurava agora a espada junto da garganta de Hrothweard.

— Senhor Arcebispo — cumprimentei o sacerdote.

— Lord Uht... — começou a responder-me, mas interrompeu-se abruptamente quando sentiu nova pressão da lâmina que Guthfrith lhe encostava à garganta.

— Primeiro cumprimenta-me a mim — rugiu-me Guthfrith. — Sou o seu rei.

Olhei para ele e franzi a testa.

— Lembre-me o seu nome? — disse-lhe, e ouvi o meu filho a rir para dentro.

— Quer que este sacerdote morra? — perguntou Guthfrith, furioso. A pressão da espada obrigava agora Hrothweard a inclinar-se para trás na sua sela, os olhos assustados a fixarem-me por cima do aço da lâmina.

— Nem por isso — disse-lhe, sem mostrar qualquer cuidado. — Gosto bastante dele.



— O bastante para implorar-me pela vida dele?

Fiz de conta que refletia acerca da questão, depois anuí.

— Posso implorar pela vida dele, desde que prometa libertá-lo de seguida.

Guthfrith zombou do que lhe dissera.

— Haverá um preço a pagar — atirou-me. Dei comigo a reparar na estranha figura de Guthfrith. Hrothweard encontrava-se à sua esquerda e Guthfrith segurava a espada com a mão direita.

— Há sempre um preço a pagar — concordei, e desviei-me ligeiramente para a minha esquerda, forçando assim Guthfrith a virar a cabeça mais para mim, afastando-a de Hrothweard. A lâmina da espada oscilou. — O rei Æthelstan deseja meramente falar consigo. Promete que não quer tirar-lhe nem a vida nem o reino.

— O Æthelstan — ripostou Guthfrith — não passa de uma caca de suíno. Ele quer a Nortúmbria.

É claro que ele tinha razão, pelo menos no respeitante ao que Æthelstan deveras pretendia.

— O Æthelstan — disse-lhe — cumpre as suas promessas. — Mas na verdade, Æthelstan traíra-me, quebrara uma promessa; contudo, ali estava eu, a cumprir a minha.

— Prometeu-lhe — falou Guthfrith — não invadir a Nortúmbria enquanto fosse vivo, e, no entanto, ele está aqui!

— Ele veio falar consigo, nada mais.

— Talvez devesse matá-lo a si também. Talvez aquela caca até gostasse disso.

— Pode sempre tentar — disse-lhe. Senti cavalo do meu filho mexer-se atrás de mim, um casco a pisar uma das pedras partidas da estrada.

Guthfrith incitou o cavalo na minha direção, fez oscilar a espada e desceu-a, pelo que a lâmina se encontrava agora virada para mim.

— Nunca me jurou lealdade, lorde Uhtred, — disse-me, — no entanto, sou o seu rei.

— É verdade — assenti.

— Então ponha-se de joelhos, chefe Uhtred, — falou com um tom de zomba na palavra «chefe», — e preste-me o juramento.

— E se não o fizer?

— Vai servir de alimento à Presa de Javali. — Calculei que a Presa de Javali fosse o nome da espada dele, que se encontrava agora próxima do meu rosto. Conseguia ver as falhas na extremidade afiada, sentir o aço

quente junto da minha face e fiquei ofuscado pelo brilho do sol refletido nas vagas volutas de metal martelado. — De joelhos! — comandou Guthfrith, sacudindo a espada.

Olhei para cima, para dentro dos seus olhos pequenos e suspeitosos.

— Em troca do juramento, — disse-lhe, — exijo a libertação do arcebispo, tal como a dos restantes reféns.

— Não pode fazer exigências, — rosnou-me, — nenhuma! — Sacudiu a espada mais uma vez, espetando a ponta numa das malhas da minha cota, forçando-me a recuar meio passo. — Será um dos meus homens juramentados — disse-me — e obterá apenas o que eu lhe quiser dar. Agora, ajoelhe-se! — Avançou com a espada, com mais força.

Ouviu-se o resfolegar de espanto do meu filho, quando humildemente me ajoelhei e baixei a cabeça. Guthfrith mal pôde ocultar um pequeno riso de satisfação, enquanto mantinha a espada muito próxima da minha face.

— Beije a lâmina — disse-me — e depois diga as palavras.

— Senhor rei — falei com humildade, depois pausei. A minha mão esquerda encontrara uma pedra do tamanho de um punho fechado.

— Mais alto! — rosnou Guthfrith.

— Senhor rei, — repeti, — juro por Odin... — E com isto ergui a pedra e espetei-a contra o focinho do garanhão dele. Acertei na parte do freio, no bridão, partindo a decoração em prata, mas devo ter batido com tanta força, que o cavalo relinchou e recuou. A espada de Guthfrith desapareceu da minha frente. — Agora! — berrei, embora nem Berg nem o meu filho precisassem de ser encorajados. Guthfrith esforçava-se por não cair da sela do cavalo que erguia as patas dianteiras. Pus-me de pé, praguejando contra a dor nos joelhos, e peguei-lhe pelo braço que segurava a espada. O meu filho aproximou-se do meu lado esquerdo, mantendo o guerreiro à sua frente distraído daquela luta, segurando a lâmina longa contra o abdómen dele. Agarrei Guthfrith, puxei-o de novo, vi-me empurrado pela direita pelo garanhão, mas por fim Guthfrith caiu, esparramando-se sobre o empedrado da estrada e eu consegui torcer-lhe o braço e arrancar-lhe a espada da mão, deixei-me cair de joelhos sobre a barriga dele, segurando depois a lâmina da Presa de Javali junto à barba titubeante. — Terá apenas uma promessa minha, sua caca viscosa e miserável, — rosnei-lhe, — que é de matá-lo.

Tenteou erguer-se e eu pressionei a face da lâmina com força contra ele, aquietando-o.

E, atrás de mim, Finan atacava. As lanças dos meus homens eram niveladas, as pontas metálicas a luzirem naquele sol ardente. Os guerreiros de Guthfrith haviam sido lentos a reagir, mas avançavam agora contra nós.

E mais uma vez não senti a convicção de estar a lutar do lado certo.